

O PERSONAGEM ZÉ CARIOCA E A AUTOCRÍTICA DE UM ESTEREÓTIPO NACIONAL

Kristian Sgorla *

RESUMO: Este ensaio analisa o personagem Zé Carioca de Walt Disney, único protagonista brasileiro de *Histórias em Quadrinhos* criado por estrangeiros. Busca desconstruir a ideia de que o herói seria uma crítica americana aos brasileiros, por ser malandro e avesso ao trabalho. O estudo, realizado por meio de levantamento bibliográfico, resgata o histórico sociocultural que envolveu a criação do personagem e trata de sua formação e evolução gráfica e de caráter ao longo de quatro fases distintas. Assim é possível concluir que os responsáveis pela índole duvidosa de Zé Carioca não foram somente os americanos, mas também os desenhistas e roteiristas brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria Cultural; *Histórias em Quadrinhos*; Zé Carioca.

ABSTRACT: This essay analyzes the character Joe Carioca from Walt Disney, the only Comic Book Brazilian leading figure created by foreigners. It seeks to deconstruct the idea that the hero would be American criticism towards Brazilians, for being rascal and reverse to work. The study, accomplished by literature review, rescues the sociocultural history which involved the character's creation and deals with its formation and graphic and personality evolution throughout four distinct phases. This way it's possible to conclude that the ones to blame for the doubtful nature of Joe Carioca were not only the Americans, but also the Brazilian designers and screenwriters.

KEYWORDS: Cultural Industry, Comics, Zé Carioca.

1. APENAS UM PAPAGAIO?

Analisar o discurso de um personagem de HQs é ir além daquilo que está claro dentro de um quadrinho. É tentar enxergar ou imaginar o que seu autor pretendia dizer nas entrelinhas das histórias, algo só

* Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas - UDC. Aluno do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino, pela Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu, PR.

percebido após horas de observação e estudo. Esta curiosidade em saber o que há por trás de um personagem é aguçada quando o assunto é o papagaio Zé Carioca, criado por Walt Disney na década de 1940.

Único protagonista brasileiro de HQs idealizado por estrangeiros, Zé Carioca tem sua origem ligada à Segunda Guerra Mundial, segundo Santos (2002). Como parte do esforço de guerra do governo Roosevelt, Walt Disney foi convidado a fazer uma viagem aos países sul-americanos, sob o pretexto de ser um *embaixador da boa vontade*.

De acordo com o autor, a ideia principal do governo americano era mover os líderes nacionais contra o nazi-fascismo do eixo e conquistar novos adeptos à causa dos aliados através de uma política de boa vizinhança. Mesmo a contragosto, Walt Disney se viu obrigado a compactuar com o plano, visto que havia recebido generosa contribuição estatal ao licenciar seus personagens para serem usados na guerra. Logo, ele tinha um compromisso moral com a gestão americana.

O estado de quase insolvência do estúdio foi revertido pelos bons resultados (...) da encomenda de filmes destinados ao treinamento de soldados feita por militares americanos, em virtude do ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941. Apesar dos lucros obtidos, Disney não gostou da intervenção dos militares, uma vez que detestava cumprir ordens e também por não querer seus personagens sendo usados em propaganda política: eles foram pintados em veículos bélicos, usados como senha (Mickey Mouse foi o código secreto usado pelos aliados no desembarque na Normandia, em 6 de junho de 1944) e, no desenho “Der Fuehrer’s Face”, Pato Donald critica o nazismo e ainda faz uma paródia ridicularizando Adolf Hitler (SANTOS, 2002, p. 89).

Assim, acompanhado da esposa e de uma equipe de desenhistas, fotógrafos, músicos e roteiristas, Disney visitou, em 1941, o Brasil, mais precisamente o Rio de Janeiro, onde participou da Terceira Convenção Sul-americana de Vendas. Neste evento, “[...] montou um pequeno estúdio, onde, contando com a participação de artistas (músicos e desenhistas) brasileiros, elaborou projetos que envolviam os costumes e as manifestações culturais da América Latina” (SANTOS, 2002, p. 90).

Neste contexto surgiu o personagem Zé Carioca. De acordo com Santos (2002), ao ser recepcionado por várias personalidades da época presentes no evento, como o então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, Disney fora informado que o sucesso nacional naquele momento eram as anedotas envolvendo papagaios. Curioso, quis conhecer esta ave típica brasileira. Foi quando apareceu J. Carlos¹ com um desenho cujos traços mostravam como seria um papagaio. Era a inspiração que faltava.

Ainda em 1941, e já de volta aos seus estúdios nos Estados Unidos, Walt Disney começou a por em prática seu cargo de embaixador da boa vontade americana. Não demorou muito para aparecerem criações relacionadas diretamente à sua passagem pela América Latina. Homenageando o Brasil, Disney criou o papagaio Joe Carioca, conhecido em português como José Carioca, e que mais tarde assumiu o nome de Zé Carioca, alcunha pela qual é conhecido até

¹ Importante cartunista brasileiro da época (falecido na década de 1950).

hoje. Acredita-se que o “[...] nome José (...) teria vindo de José Carlos de Britto e Cunha, importante editor de quadrinhos da época, do próprio J. Carlos ou de José de Oliveira, locutor que interpretou a voz de Zé nos filmes da produtora” (CAPPELLARI, 2005). *Carioca*, logicamente, remete à palavra em português usada para descrever uma pessoa nativa da cidade do Rio de Janeiro, então capital da República.

A partir do final do ano de 1942, de acordo com Santos (2002), Zé Carioca passou a figurar em tiras de jornais, revistas em quadrinhos e até mesmo no cinema, fazendo parte do universo de personagens Disney até os dias de hoje. Em todos os casos, os traços mais marcantes do papagaio, em uma análise simplista, são a malandragem (mostrada aqui em um sentido mais leve e romântico), o bom humor e a hospitalidade. Não por acaso, características do povo brasileiro reconhecidas internacionalmente e que muito se assemelham à descrição do **homem cordial** de Sérgio Buarque de Hollanda:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante (HOLLANDA, 1996, p. 146-147).

Esta simplificação cultural tem como resultado a criação de estereótipos. A base da estereotipia é a comparação entre diferentes culturas. Para Stuart Hall (1997), os estereótipos surgem onde há grandes desigualdades de poder. Eles naturalizam diferenças sociais e fixam fronteiras simbólicas. Nada mais são do que reducionismos. Uma visão micro de uma realidade macro. Rótulos criados quando ideias, imagens ou concepções a respeito de um determinado grupo de pessoas, objetos ou fatos são tomados como verdade, sem uma anterior avaliação daquilo como sendo verdade ou não.

Por isto, Zé Carioca poderia ser muito mais do que uma simples homenagem ao Brasil. Carregaria consigo, mesmo que de forma velada, uma visão americana distorcida sobre o povo brasileiro. Assumiria, portanto, o papel de difusor de uma crítica social por meio de um estereótipo nacional. Contudo, seria esta mesmo a verdade?

2. A DIFUSÃO DE UM ESTEREÓTIPO NACIONAL

O personagem Zé Carioca compartilha de características ímpares. Estudá-lo é um exercício que deve primar pelos detalhes, ou seja, focar a atenção em coisas que muitas vezes passam despercebidas do público em geral. O guia para esta análise é um questionário elaborado por Jacques Marny (1970) em seu livro *Sociologia das Histórias em Quadrinhos*. Nele, o autor ensina quais os passos que devem ser seguidos na hora de analisar qualquer personagem de histórias em quadrinhos:

1. Em que revista aparece? Desempenha nela algum papel especial?
2. Como se pode classificar (herói de aventuras, de *western*, de ficção científica etc.)?
3. Qual é o seu aspecto físico? Tem quaisquer características de vestuário (capa, fato justo etc.)?
4. Quantos anos tem?
5. Tem família? Ou é um “herói solitário”?
6. Tem alguma profissão, qualquer inserção social?
7. Que relações mantém com as outras personagens?
8. Qual é o fulcro da sua atividade (força, violência, manha, astúcia, instrumento científico)?
9. É um herói-robô ou experimenta momentos de hesitação e dúvida?
10. Como é que reage diante do insucesso?
11. Que tipo de inimigo enfrenta? Como reage diante deles? Manifesta ódio?
12. Descobrimos nele vestígios de racismo?
13. Encontramos no seu comportamento traços de bondade e humanidade?
14. Qual é o vocabulário que emprega (calão, correto, incorreto)?
15. A técnica da história em quadrinhos onde aparece é boa, medíocre ou muito má?
16. Que sentimentos desperta no leitor (admiração, medo, ternura)? (MARNY, 1970, p. 309).

Pode-se considerar o personagem Zé Carioca um idoso dos quadrinhos, embora os números com relação a sua idade não sejam precisos. Isso porque tanto se pode pensar seu surgimento em 1942, com o lançamento das tiras em jornais americanos e nas revistas em quadrinhos, como no ano seguinte, 1943, com o lançamento do filme *Alô, Amigos!*². Assim, o personagem pode ter, respectivamente, 73 ou 72 anos de idade.

A principal característica física do personagem é a presença marcante das cores da bandeira do Brasil em seu corpo. As penas

² Para os estúdios Disney, o lançamento oficial do personagem se deu com o lançamento do filme *Alô, Amigos!*, em 1943.

verdes da cabeça, tronco e braços, o bico e os pés amarelos e as penas das pernas azuis foram intencionalmente destacadas, de forma que a nacionalidade brasileira do personagem ficasse explícita.

Outro detalhe marcante eram as roupas. Com a intenção de remeter ainda mais o personagem ao Brasil, Disney optou por vestir o papagaio com o traje mais comum da época no Rio de Janeiro: paletó marrom sobre camisa branca e gravata borboleta, uma palheta na cabeça (chapéu muito comum da época, utilizado com frequência pelos boêmios e intelectuais e que acabou ficando associado à figura do malandro) e, para finalizar, um guarda-chuva, pois era preciso proteger-se das repentinas tempestades de verão, comuns no Brasil tropical. As calças eram azuis e evoluíram das próprias penas das pernas do papagaio.

FIGURA 1 - Visual Original de Zé Carioca



(HQ, 2000).

Este visual durou até o início da década de 1970, quando houve uma reestruturação do personagem, que se seguiu até os anos 1990. A primeira mudança veio pelas mãos do desenhista Carlos Herrero, que trocou o paletó, a camisa e a gravata por uma simples camiseta branca e tirou a palheta da cabeça do papagaio. Logo depois, na história *O Mais Procurado da Cidade* (HQ, 1971), o desenhista Renato Canini aposentou o guarda-chuva do papagaio.

FIGURA 2 - Primeira Reformulação Gráfica do Personagem



(HQ, 2003).

A partir dos anos 1990, seguindo a tendência de roupas usadas pelo público alvo do personagem (crianças, adolescentes e jovens) e por ocasião da realização do evento ECO-92, realizado no Rio de Janeiro, tendo como tema principal o meio ambiente, Zé Carioca ganhou nova roupagem. Passou a vestir camiseta e calças jeans com as barras dobradas para fora, além de sempre usar um boné com a aba virada para trás. Outra inovação foi que o personagem não andava mais descalço, fato que ocorria até então. Seu novo visual era arrematado por um par de tênis. Entretanto, nem sempre o personagem

é visto assim, mesmo em histórias publicadas nos anos 90. Isso porque algumas narrativas são reedições de histórias já publicadas da época em que o papagaio ainda não havia sido reestruturado graficamente. É o caso da história *Diamantes* (HQ, 1997).

FIGURA 3 - Visual Atual de Zé Carioca



(HQ, 1996).

Quanto à personalidade do personagem, esta pode ser dividida em dois momentos: a do desenho animado e a dos quadrinhos. No desenho animado Zé Carioca personifica o homem cordial brasileiro descrito por Holanda (1996), animado, que trata os amigos sempre muito bem e de forma desprendida, como pôde ser visto no filme *Alô Amigos*.

Nos quadrinhos, estas características são mantidas, mas sua personalidade ganha maior profundidade ao longo dos anos, pois a ela são acrescentados elementos culturais e sociais do país. Assim, o papagaio se converte em um malandro politicamente incorreto nos quadrinhos e participa, ativa e passivamente, de todas as contradições

presentes na realidade brasileira. O Zé Carioca dos quadrinhos é uma mistura da simpatia e cordialidade presentes nos desenhos animados com a malandrice e a malícia.

Do ponto de vista antropológico, o Zé Carioca das revistas passou a vivenciar o que DaMatta (1997) chamou de *dilema brasileiro*. Nele, o autor observou três rituais muito presentes no cotidiano nacional: os desfiles militares, as procissões religiosas e o carnaval. Para ele, a identidade do povo brasileiro é forjada a partir das liturgias que envolvem estes três momentos. Desta forma, cada um desses ritos está ligado a um personagem que possui uma das faces do povo, por conseguinte distinguindo o brasileiro de outros povos.

Em linhas gerais e parafraseando Santos (2002, p. 284), ao tratar dos desfiles militares, DaMatta (1997) associa o brasileiro a figura do **caxias**: indivíduo autoritário, que enxerga o mundo através das leis. Em se tratando de procissões, o autor se refere ao **renunciador**, ao peregrino arrependido que se priva de bens materiais em nome da fé, tornando-se, por isso, um herói. Já no caso do carnaval o literato destaca o **malandro**, cidadão que se opõe à burocracia da lei e aos dogmas da fé. Este sujeito brasileiro se insere na anarquia da festa tipicamente brasileira opondo-se às hierarquias. Por isso, acaba tornando-se um pária, não se enquadrando e nem contestando a ordem estabelecida. Por isso, vê-se obrigado a se valer do **jeitinho brasileiro** para suprir suas necessidades iminentes.

O “jeito” é um modo e um estilo de realizar. Mas que modo é esse? É lógico que ele indica algo importante. É, sobretudo, um modo simpático, desesperado ou humano de relacionar o impessoal com o pessoal; nos casos – ou no caso – de permitir juntar um problema pessoal (atraso, falta de dinheiro, ignorância das leis por falta de divulgação, confusão legal, ambiguidade do texto da lei, feita para uma dada situação, mas aplicada universalmente etc.) com um problema impessoal. Em geral, o jeito é um modo pacífico e até mesmo legítimo de resolver tais problemas, provocando essa junção inteiramente casuística da lei com a pessoa que a está utilizando (DAMATTA, 1986, p. 66).

Deste modo, o personagem Zé Carioca está inserido em duas condições: não é parte integrante de uma massa pobre e proletária, no entanto também não pertence a uma classe mais rica da população. Assim, apesar de habitar o morro ou o subúrbio, no caso a *Vila Xurupita*, o personagem tenta de toda forma gozar do conforto propiciado pela vida dos ricos. Para ele, o dinheiro só serve para satisfazer aquilo que é de momento, e tudo que ganha através de seus truques é destinado a proporcionar-lhe satisfação e felicidade instantânea, como acontece na história *A Sorte Manda Recado* (HQ, 1996), em que Zé Carioca ganha na loteria e no mesmo dia gasta todo o dinheiro em um churrasco para os amigos.

Zé Carioca harmoniza, assim, os conceitos de cordialidade e malandragem não como uma contradição, mas como uma condição inerente à sua personalidade. Sua cordialidade atenua a malandragem e evita que ele (e, por conseguinte, o brasileiro nele representado) se torne o vilão. Além disso, este traço possui uma função importantíssima nas narrativas, pois inspira e impulsiona todas as aventuras do papagaio. “[...] O malandro, portanto, seria um

profissional do ‘jeitinho’ e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (DAMATTA, 1986, p. 68).

Outra questão importante é a relação do papagaio com os bens materiais. Apesar de querer possuí-los, não deseja as consequências que eles trazem, como tornar-se um proprietário ou um investidor, como pode ser visto na história *Bilionário Por Um Dia* (HQ, 1961). Nela, Tio Patinhas encarrega Zé Carioca de cuidar de sua fortuna por um dia enquanto viaja para revolver alguns negócios. A princípio o papagaio gosta da ideia, mas quando se vê obrigado a aplicar o dinheiro e tomar decisões, ou seja, quando percebe a responsabilidade inerente àquele *status*, arrepende-se de ter aceitado o convite.

Semelhante exemplo de como os hábitos do personagem estão relacionados aos costumes de época é a maneira como determinadas atitudes são encaradas pela sociedade em diferentes momentos da história. No início de sua trajetória, entre meados da década de 40 e início da década de 60, o personagem Zé Carioca aparecia em várias narrativas fumando charutos. Isto é notório inclusive em sua primeira aparição cinematográfica, no filme *Alô Amigos*. Na época em que os filmes e os quadrinhos foram produzidos, o ato de fumar era perfeitamente aceito e visto pela sociedade brasileira como sinônimo de prestígio. O malandro também pode ser observado fumando na história *Campeão de Futebol* (HQ, 1955).

Com o passar dos anos e atenta a mudança de hábitos sociais e a consequente mídia negativa associada ao tabagismo, a Editora Abril

acabou tirando o charuto das mãos do papagaio. Assim, Zé Carioca não só parou de fumar, como passou a repudiar o ato, como pode ser testemunhado na história *Estão Loteando Meu Coração* (HQ, 1997). Nela, os sobrinhos do papagaio disputam entre si para saber de quem o tio gosta mais. Para tanto, ambos começam a bajular o tio. Mas, quando um dos sobrinhos coloca um charuto na boca de Zé, ele cospe o charuto para longe e exclama de forma nervosa: “Que maluquice é essa? Você sabe bem que eu não fumo!” (HQ, 1997). Mais uma prova de que o personagem acaba refletindo a realidade na qual está inserido.

Comparando-o a outro personagem de Walt Disney, como Pato Donald, por exemplo, Zé Carioca tem como diferencial o fato de ser um anti-herói. Ele compartilha com Donald o fato de ser excluído da sociedade. Entretanto, a maneira de encarar esta realidade pelos dois personagens é totalmente diferente. Enquanto Donald tenta ser aceito através de sua ira destruidora, Zé Carioca usa da malandragem para tentar reverter a situação.

Assim, ao mesmo tempo em que Donald quer se integrar à sociedade de qualquer maneira, o papagaio vive o conflito existencial de querer fazer parte da sociedade e não querer as condições que ela lhe impõe para tanto, como trabalhar, por exemplo. Comparado a personagens do imaginário nacional, Zé Carioca possui a preguiça de *Jeca Tatu* misturada à malandragem de *Macunaíma*³.

³ O personagem *Jeca Tatu* foi criado por Monteiro Lobato em 1914. Já o personagem *Macunaíma* apareceu em 1928 por meio do escritor Mário de Andrade.

3. AS QUATRO FASES DO PERSONAGEM

Segundo o raciocínio de Roberto Elísio dos Santos (2002), uma maior compreensão do processo de aculturação do personagem Zé Carioca só se torna palpável se analisadas as diferentes fases pelas quais passou o papagaio em sua história nos quadrinhos. É possível, assim, dividir a trajetória do personagem em quatro etapas distintas:

Fase Americana, das páginas dominicais e das narrativas feitas para os *comic-books*, na década de 1940, por artistas americanos; a **Fase de Transição**, quando Luis Destruet incorporou Zé Carioca nas histórias que realizava; a **Fase de Adaptação**, em que os artistas brasileiros iniciaram a produção nacional, no final da década de 1950; e a **Fase de Assimilação**, a partir de 1970, com o personagem já imerso na cultura e na realidade do país, por obra de argumentistas, desenhistas e editores argutos e conscientes (SANTOS, 2002, p. 288).

A **Fase Americana** tem seu início a partir da primeira aparição de Zé Carioca em tiras de jornais americanos em 11 de outubro de 1942. Estas narrativas intitulavam-se *Disney's Sunday Pages* e, como o próprio nome sugere, eram publicadas sempre aos domingos. Na época, os roteiristas Bill Walsh e Hubie Karp escreviam as histórias e os desenhistas Bob Grant e Paul Murry eram responsáveis pelos desenhos. *Zé Carioca – Como Almoçar de Graça* foi o título da primeira tira do personagem, com roteiro de Bill Walsh, desenhos de Bob Grant e arte-final de Dick Moores.

Esta tira já apresentava uma grande contradição da realidade brasileira. Logo de início, o leitor se depara com as belas paisagens das praias do Rio de Janeiro e, em seguida, vê o morro e todos os seus problemas: barracos de madeira espalhados entre o lixo e o mato. Ali, em um destes barracos, vive Zé Carioca, que aparece dormindo enrolado em um cobertor cheio de remendos e sonhando com uma corista cuja foto o personagem recortara de um jornal e que, com o passar dos anos, tornar-se-ia sua namorada Rosinha.

Na hora do banho, o personagem utiliza um chuveiro improvisado, feito de uma bacia e um regador. Ao sair de casa, Zé Carioca passa arrogante pelos seus vizinhos pobres, entre eles um corvo sentado em uma das casas. Este corvo seria mais tarde conhecido como Nestor, seu melhor amigo. Quando chega finalmente ao centro da cidade, Zé Carioca decide almoçar em um restaurante caro, mesmo sabendo que não teria dinheiro para pagar a conta.

É possível perceber, assim, os contrastes sociais presentes na realidade brasileira, personificados pelo próprio personagem. De um lado a favela e sua pobreza, e de outro lado a cidade (no caso o Rio de Janeiro, então capital do Brasil) e toda sua riqueza e ostentação. Neste contexto, Zé Carioca parece viver um conflito existencial, pois mesmo sendo pobre tenta a todo custo fazer parte daquele mundo luxuoso que parece tão perto, mas ao mesmo tempo muito longe de seu alcance.

Nesta tira aparece outro personagem que mais tarde tornar-se-ia figura cativa nas histórias do papagaio: o milionário Rocha Vaz, que

ainda não tinha o papel de sogro do malandro. Na tira, Rocha Vaz aparece como um senhor surdo, do qual Zé se utiliza para aplicar um golpe no restaurante. O papagaio, após trombar com Rocha Vaz e descobrir sua surdez, decide acusá-lo de ter roubado sua carteira. Mais que depressa, Zé Carioca chama o garçom e pede que capturem aquele senhor que supostamente estaria fugindo com seu pertence. Como o garçom não consegue alcançar Rocha Vaz, que já havia entrado em seu carro para partir, Zé Carioca ameaça fazer com que o próprio garçom devolva o dinheiro que estaria na carteira.

Em meio a desculpas do garçom e usando toda perspicácia e malandragem típica de sua personalidade, Zé Carioca aceita as desculpas, mas indaga-se em voz alta como faria para pagar a conta, já que estava desprovido de seu dinheiro. Mais que depressa o garçom, em nome do restaurante e como forma de redimir-se do ocorrido, exclama que Zé não precisaria pagar nada depois de tão lamentável incidente. Assim, no último quadrinho da tira o papagaio aparece saindo do restaurante luxuoso com um grande sorriso de satisfação no rosto, pois havia comido sem precisar pagar nada.

Já nas HQs, a estreia de Zé Carioca aconteceu na revista *Walt Disney Comics and Stories*, logo em seguida das tiras, em dezembro de 1942. A primeira aventura do personagem, intitulada *Rei do Carnaval*, teve desenhos de Carl Buettner e foi publicada no Brasil somente oito anos mais tarde, na revista *O Pato Donald* nº 8, em fevereiro de 1951. Em 1944, Zé Carioca apareceu em mais duas

histórias: *Zé Carioca e seu Galo de Briga*, na revista *O Pato Donald* nº 27 (edição americana) e em *A volta dos 3 Cavalheiros*, publicada na revista *Walt Disney Comics and Stories* nº 50. Esta história foi mais tarde editada no Brasil, na edição especial *Festival Walt Disney*, de 1954.

A partir de 1945, os quadrinhos de Zé Carioca deixaram de ser produzidos nos Estados Unidos, sendo que a última história de autoria americana foi uma adaptação para os quadrinhos do filme *Você já foi à Bahia?*, feita por Walt Kelly, que a intitulou *The Three Caballeros*, ou *Os Três Cavalheiros*, em português. “Os enredos da **Fase Americana** de Zé Carioca abordam suas tentativas de subir na vida sem fazer esforço, usando só lábia e perspicácia. Tratam, também, de suas conquistas amorosas, como a bela herdeira Rosinha” (SANTOS, 2002, p. 289). Após este primeiro período, o papagaio ocupou de vez seu espaço dentro da família de personagens de Walt Disney.

No período que consta entre 1946 até 1950 quase não se ouviu falar e quase não se viu o personagem brasileiro, exceto por eventuais repercussões dos trabalhos acima citados. Foi quando, em 1950, nasceu a Editora Abril, e junto com ela a edição nacional da revista *O Pato Donald*. Durante a publicação desta revista, Zé Carioca aparece em várias capas, inclusive na edição nº 1 (onde o personagem foi desenhado pelo argentino Luis Destuet⁴), embora com nenhuma história publicada até então.

⁴ Luis Destuet elaborava histórias com personagens Disney para a publicação argentina “*El Pato Donald*” e para as revistas da Editora Abril, editadas no início da década de 1950.

Esta etapa da história do personagem é considerada sua **Fase de Transição**. Nela, Zé Carioca é, na maioria das vezes, apenas um coadjuvante em histórias protagonizadas pelo Pato Donald e seus sobrinhos Huguinho, Zezinho e Luizinho.

Um exemplo desse tipo de narrativa é a aventura “Donald Fazendeiro” (...), editada originalmente na Argentina, em 1950, em “El Pato Donald” 308 a 314. Quando o pato recebe o pedido de ajuda de um tio que possui uma fazenda na Amazônia, parte com seus sobrinhos para o Brasil, onde, guiado por Zé Carioca, combate o vilão *João Bafo-de-Onça*, que pretende apossar-se das terras, em cujo subsolo “há petróleo”. Cabe a Zé Carioca apoiar as iniciativas do pato e criar situações cômicas (SANTOS, 2002, p. 290).

Depois disto e no período que foi até o final da década de 50, Zé Carioca teve somente cinco histórias publicadas, todas na revista *O Pato Donald*. O personagem brasileiro aparece em *A Volta de Zé Carioca* (HQ, 1955), *Campeão de Futebol* (HQ, 1955) e *Contraponto Musical* (HQ, 1955). As narrativas, apesar de apresentarem um personagem brasileiro e, supostamente serem ambientadas no Brasil, mostram em seus quadrinhos traços arquitetônicos de outros países latino-americanos e até norte-americanos.

O final da década de 1950 e o início de 1960 marcou a **Fase de Adaptação** do personagem Zé Carioca à cultura e à realidade brasileira. O divisor de águas desta etapa foi a reedição da história *A Volta de Zé Carioca*, publicada novamente em 1960, na edição nº 434 de *O Pato Donald*. Esta história acabou se tornando um marco para o

personagem por ser a primeira narrativa do papagaio inteiramente produzida no Brasil, com desenhos de Jorge Kato.

A principal característica deste momento é o envolvimento de Zé Carioca no cotidiano nacional. Para isso, o personagem passa a ser cercado de elementos pertencentes tipicamente à cultura brasileira, ao mesmo tempo em que ainda contracenava com os outros personagens Disney. Isto pode ser observado na história *Zé Carioca em Você Já Foi à Brasília?* (HQ, 1960). Nela, o papagaio é incumbido da missão de mostrar a futura nova capital do Brasil ao Tio Patinhas, que procura um lugar para construir uma nova caixa-forte, pois a antiga está abarrotada de dinheiro.

O aumento da aceitação do público com relação ao personagem Zé Carioca fez com que a Editora Abril lançasse, em 10 de janeiro de 1961, a revista considerada edição nº 1 de Zé Carioca. Na verdade, a revista não tinha nada de nº 1 e muito menos era exclusiva do personagem brasileiro. O que aconteceu de fato foi que a edição nº 479 de *O Pato Donald* apresentava o subtítulo *apresenta Zé Carioca*, cuja história de abertura era *Zé Carioca Contra o Goleiro Gastão*. Nela, Gastão (primo do Pato Donald que tem como principal característica a sorte) quer conquistar Rosinha. Para isso, ele desafia o time de Zé Carioca em uma partida de futebol.

Algumas histórias deste período apresentam de forma clara as características desta fase do personagem. Em *O Tesouro do Capitão Gancho* (HQ, 1961), Zé Carioca e Rosinha contracenam com Peter

Pan, Sininho e Capitão Gancho, em uma aventura no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Já em *O Tesouro de Lampião* (HQ, 1961) do mesmo ano, o papagaio é mais uma vez guia turístico, agora para Mickey e Pateta. Eles viajam pelo Nordeste brasileiro, onde encontram o vilão João Bafo-de-Onça, líder de um bando de cangaceiros que está atrás de um suposto tesouro deixado por Lampião.

Neste período, Jorge Kato e Waldyr Igayara eram os responsáveis pela publicação da revista, que acontecia quinzenalmente, alternada com os exemplares exclusivos de *O Pato Donald*. Zé Carioca colocava seu nome nas edições de números ímpares e Pato Donald estrelava as edições de números pares. Chama a atenção o fato de que, mesmo com seu nome aparecendo na capa da revista, em várias edições de *O Pato Donald apresenta Zé Carioca* não havia histórias do papagaio.

A partir da edição nº 981 de 1970 o personagem brasileiro finalmente ganha sua revista exclusiva. Entretanto, este fato não impediu que, no começo, algumas edições viessem sem nenhuma história do papagaio, assim como já havia acontecido anteriormente, quando ele ainda era apresentado na revista *O Pato Donald*. Isto pode ser constatado nas edições de número 989, de 1970; 1013, de 1971; e 1091, de 1972.

Em 1971 começa a última e talvez mais importante etapa da história de Zé Carioca: a **Fase de Assimilação**. Nela, o personagem, já

inserido na realidade brasileira, tem suas principais características **exageradas**, como a **malandragem**, a **preguiça**, e a **aversão ao trabalho**. É nesta fase que o jeitinho brasileiro de DaMatta (1986) se torna mais aparente. O responsável por essa mudança foi o artista gaúcho Renato Canini. Em seu trabalho, além de exacerbar as características politicamente incorretas do personagem, Canini trouxe Zé Carioca de volta para o morro, assim como nas primeiras tiras criadas por artistas americanos na década de 1940.

Durante este período Zé Carioca também começou a aparecer mais frequentemente em situações tipicamente brasileiras. O Carnaval foi tema de histórias como *Zé do Carnaval* (HQ, 1976). Já em *Uma Confusão Junina* (HQ, 1974), o destaque são as Festas Juninas. Também não poderia faltar o futebol, esporte tido como paixão nacional. Ele aparece em enredos como os de *Futebol Não Tem Lógica* (HQ, 1971), *O Craque* (HQ, 1972), e *Zé Pelé* (HQ, 1974). Foi inclusive nesta última que o desenhista Renato Canini criou o *Vila Xurupita Futebol Clube*, time no qual o papagaio e sua turma são os jogadores.

Zé Carioca também contracenava com personagens do folclore popular brasileiro, como na história *O Saci* (HQ, 1979), ilustrada por Carlos Herrero. Foi também nesta fase, mais precisamente no final da década de 70 e início da década de 80, que surgiram outras duas criações, todas saídas das mãos de Renato Canini: a *Agência de Detetives Moleza*, que apareceu pela primeira vez na história *Os*

Detetives da Moleza (HQ, 1971), onde Zé e Nestor bancam os detetives; e o herói *Morcego Verde*, alter-ego de Zé Carioca.

As histórias apresentavam todos os problemas sociais vividos pela periferia, como falta de água e ônibus lotados, o que instigava Zé Carioca a utilizar de toda sua ardileza para superar suas adversidades. Isto pode ser observado na história *Quanto Mais Quente, Pior* (HQ, 1972). Esse fato é interessante, pois diverge radicalmente da ideia de país em desenvolvimento que o governo militar da época queria transmitir aos brasileiros e ao mundo, após a abertura do Brasil, em 1970, ao capital estrangeiro.

O personagem teve tanta repercussão que, em 1970, no auge do regime militar estabelecido no Brasil após o golpe de 64, chamou a atenção do governo de Médici, que começou a reclamar do fato de o coitado do Zé morar em um barraco no morro. Na época, a propaganda oficial prometia acabar com o problema de falta de moradia e das favelas por meio de um amplo programa de financiamento da casa própria mantido pelo BNH (Banco Nacional de Habitação). Alguém dentro do governo achou que Zé Carioca, tão popular e famoso, estava desmoralizando o programa da casa própria, morando daquele jeito. O resultado foi a publicação de uma estranha história em que o Zé vai morar numa casa financiada pelo BNH (FEIJÓ, 1997 p. 55).

Zé Carioca participou, ao todo, de sete narrativas feitas por encomenda do governo federal, funcionando como uma espécie de propaganda política. “[...] Mais enquadradas na visão oficial foram as sete narrativas (...) ilustradas por Ignácio Justo e escritas por Ivan Saindenberg, nas quais Zé Carioca ensina seus sobrinhos sobre as forças armadas, a exemplo de ‘História da Marinha do Brasil’ (...), de

1974” (SANTOS, 2002 p. 292). Esta história foi publicada no *Almanaque Disney* nº 43.

A maioria das aventuras do personagem carioca a partir desta fase se passa no Rio de Janeiro. Entretanto, isto não impediu que, com o passar dos anos, o papagaio aprontasse confusões em outros lugares do Brasil. Como exemplo, podem-se citar algumas histórias do personagem, como *Como é Burro o Meu Cavallo!* (HQ, 1972), narrativa ilustrada por Renato Canini, em que o papagaio faz uma viagem ao sul do país.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma análise mais atenta do personagem Zé Carioca, é possível chegar a uma conclusão interessante. Questionava-se, *a priori*, o fato de que o personagem, por possuir características politicamente incorretas, seria uma espécie de crítica social tecida sob a luz de uma visão americana estereotipada do povo brasileiro disfarçada em uma áurea de homenagem estadunidense à nação tupiniquim.

Em partes este questionamento é fundamentado. Isto porque durante a **Fase Americana** do personagem, momento em que se dá a sua criação, o traço marcante de Zé Carioca era a perspicácia. Como o papagaio era desprovido de bens materiais, principalmente o dinheiro, sua única “arma” na luta pela sobrevivência diária era envolver as pessoas em seu discurso para conseguir tirar delas algum benefício

próprio. Em outras palavras, o personagem fazia uso de uma boa lábia para satisfazer suas necessidades imediatas.

No entanto, a preocupação maior dos Estúdios Disney neste período era mostrar, através de Zé Carioca, as contradições sociais presentes no Brasil na década de 40. De um lado a riqueza de uma minoritária classe abastada. Do outro a pobreza vivida pela maioria da população, que mesmo encarando uma dura realidade não perdia a alegria de viver.

Assim, sempre com bom humor, o papagaio malandro se infiltrava em situações das quais a população brasileira menos favorecida também queria fazer parte, mas não tinha condições, como almoçar em um restaurante de luxo, por exemplo. O jeito maroto de Zé Carioca era somente o tempero necessário para o sucesso das histórias, e foi inspirado provavelmente na figura do brasileiro boa-praça, que sempre consegue o que quer usando da cordialidade e da habilidade de envolver as pessoas em sua conversa, e que em muito se assemelha ao conceito de homem cordial cunhado por Hollanda (1996).

As duas etapas da história do personagem que se seguiram, chamadas respectivamente de **Fase de Transição** (onde o personagem era desenhado pelo argentino Luis Destuet) e **Fase de Adaptação** (onde artistas brasileiros passaram a produzir as histórias do personagem) também não foram responsáveis pela construção de um Zé Carioca implicitamente ofensivo à população brasileira. Isto

porque, durante a **Fase de Transição**, o personagem era usado como forma de promover o Brasil para o mundo, como na série de histórias *Donald Fazendeiro* (HQ, 1952), ambientada na Amazônia. Já durante a **Fase de Adaptação**, Zé Carioca aparecia em várias narrativas trabalhando ou procurando emprego, como na história *O Estranho Caso do Jardim Zoológico* (HQ, 1961), na qual o papagaio se candidata à vaga de guarda em um jardim zoológico.

A grande transformação ideológica do personagem se deu a partir da última etapa de sua história: a **Fase de Assimilação**. Não por acaso esta fase é considerada por Santos (2002) como sendo o momento em que o personagem se tornou realmente brasileiro. Nela, e principalmente através das mãos do desenhista Renato Canini, além da acentuação da malandragem, sua personalidade ganhou novos traços, como a preguiça e a aversão ao trabalho. Desta forma, Zé Carioca se torna o profissional do jeitinho brasileiro definido por DaMatta (1986) sob o pretexto de tornar suas aventuras mais condizentes com o contexto social nacional. Contudo, estes traços trazem consigo uma significação extremamente negativa que pode ser considerada pejorativa e ofensiva por um leitor mais crítico.

Conclui-se, portanto, que Walt Disney (e por trás dele a ideologia dominante e imperialista americana) não foi o único responsável pela criação de um estereótipo negativo do povo brasileiro. Sua versão, embora politicamente incorreta, mostrava com mais romantismo e leveza o modo peculiar utilizado pelos brasileiros

para enfrentar os desafios cotidianos. Os verdadeiros encarregados pela crítica social mais ácida contida no personagem Zé Carioca são os desenhistas e roteiristas brasileiros que, a partir da década de 70, assumiram a responsabilidade pela produção de novas histórias do papagaio malandro, inferindo uma conotação negativa ao notório jeitinho brasileiro.

5. REFERÊNCIAS

CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. **Zé Carioca, um brasileiro: reflexos da modernidade e da pós-modernidade na trajetória do personagem.** 2005. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0670-1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos.** Petrópolis: Vozes, 1972.

---. **A explosão criativa dos quadrinhos.** Petrópolis: Vozes, 1970.

---. **A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural.** 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

---. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação: um século de história.** São Paulo: Moderna, 1997.

HALL, Stuart. **Representation:** cultural representations and signifying practices. London: Sage Publishers/The Open University, 1997.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MARNY, Jacques. **Sociologia das Histórias em Quadrinhos.** Porto: Livraria Civilização, 1970.

SANTOS, Roberto Elisio dos. **Para Reler os Quadrinhos Disney:** linguagem, evolução e análise de HQs. São Paulo: Paulinas, 2002.

FONTES PRIMÁRIAS CONSULTADAS

HQ O PATO DONALD. Edições nº 434 e 435. São Paulo: Editora Abril, 1960.

HQ O PATO DONALD APRESENTA ZÉ CARIOCA. Edições nº 487 e 519. São Paulo: Editora Abril, 1961.

HQ ZÉ CARIOCA. Edições nº 981 e 989. São Paulo: Editora Abril, 1970.

---. Edições nº 1013, 1037, 1055 e 1067. São Paulo: Editora Abril, 1971.

---. Edições nº 1075, 1079 e 1091. São Paulo: Editora Abril, 1972.

---. Edição nº 1137. São Paulo: Editora Abril, 1973.

TRAMA

Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras
Campus de Marechal Cândido Rondon

Programa de Pós-Graduação em Letras Sociedade e Linguagem
Campus de Cascavel

---. Edições nº 1165 e 1179. São Paulo: Editora Abril, 1974.

---. Edição nº 1265. São Paulo: Editora Abril, 1976.

---. Edição nº 1419. São Paulo: Editora Abril, 1979.

---. Edição nº 2061 e 2063. São Paulo: Editora Abril, 1996.

---. Edições nº 2090 e 2098. São Paulo: Editora Abril, 1997.

---. Edição nº 2169. São Paulo: Editora Abril, 2000.

---. Edição nº 2268. São Paulo: Editora Abril, 2004.

HQ ZÉ CARIOCA 60 ANOS. Edição Histórica. São Paulo: Editora Abril, 2003.